

## Inéditos

---

Poemas de Roberto de Oliveira Brandão

### CONSTELAÇÃO

Cachos amarelos  
no ar diáfano de azul  
da manhã

O olhar busca a flor  
suspenso no tempo  
da aurora

Amarelo apenas  
constelando no espaço  
de luz

25-08-89

### FRUTO

O arado corta o campo  
em promessas  
longos sulcos de espera  
do fruto

E do ventre da terra  
brotá o desejo  
encarnado

27-08-89

## Inéditos

---

### MANHÃ

A manhã eterna  
traz a esperança  
de cada dia  
tão breve  
como um fruto  
de luz

04-09-89

### SOL

O sol é um mito  
vivo  
fermento e seiva  
do fruto humano  
que dura  
um dia

27-09-89

### O homem que gostava de falésias

Maria Helena Ribeiro da Cunha

Era alto e muito magro. Se descia à praia, tirava as lentes grossas para se iludir com a imensidão do horizonte. Parece que ficava todo o tempo recolhido numa concha e só nos dias em que sentia o ar morno do verão se aventurava pelos atalhos que levavam ao mar. Sempre escolhia os mais difíceis, escarpas abaixo: nunca pela trilha calma da areia branca. Nem novo, nem velho, o que mais impressionava nele era o olhar mortiço com as pálpebras descaídas para fora como as de um perdigueiro cheio de desconfianças. Alguns julgavam que tinha sido seminarista; outros, um professor de meninos ou apenas um alpinista que comia maçãs. Enfim, todos tiveram a certeza de que trabalhava como almoxarife e estava de licença.

Visitava com freqüência a lagoa que de um lado fazia paredes meias com o mar, porém gostava mais de ver o mundo do alto das falésias. Quando o viram pela primeira vez chegar à beira do abismo, a pique sobre o mar, pensaram que abriria os braços e se lançaria como um pássaro descarnado sobre a água tão azul. Mas com as pernas cruzadas sentou-se feito um hindu e, contra o sol, a sua figura de costas parecia a de um grande gafanhoto calvo. Depois, sempre o mesmo ritual. Invocava alguma divindade e se demorava iluminado até levantar-se para descer os degraus mal cavados e íngremes da falésia. Ao fim, trazia o olhar vitorioso e distante e caminhava lentamente até a beira-mar, passo a passo, pés abertos para os lados e as pernas finas ainda trêmulas da descida.

Então deixava-se tocar amorosamente pela espuma, às vezes amarelecida, nos pés já cortados pelas pedras e conchinhas partidas que protegiam o mar dos nadadores afoitos. Vagaroso, deitava-se e abraçava-o como se ele fosse uma mulher. Só o pertubavam os sargos e as algas que se enfiavam pela goela a dentro e arrebatavam-lhe todo o êxtase. Sua cabeça era um periscópio aflito a desviar-se dos inimigos. Era divertidovê-lo alçar-se na água e mergulhar como se fosse um golfinho brincalhão. Permanecia, porém, teimoso no aconchego das ondas e saia delas com o mesmo ar místico de míope e o